



Gilson Charles dos Santos (org.) (2019) *Liberdade e escravidão na antiguidade clássica*. Campinas: Pontes, 276p. ISBN: 9788521701866

Fábio Duarte Joly (Universidade Federal de Ouro Preto)

fabio.joly@ufop.edu.br

As noções de liberdade e escravidão ocupam papéis de destaque na literatura grega, romana e nos escritos cristãos, o que testemunha que a escravidão, nas sociedades que produziram essa tradição literária, não era apenas uma instituição de ordem econômica, mas sobretudo um fato social total que permeava suas culturas políticas e visões de mundo. A historiografia moderna vem ressaltando, em especial a partir da segunda metade do século XX, em razão de um avanço dos estudos sobre cultura e identidade no campo da história antiga, como os conceitos de liberdade e escravidão eram utilizados nas reflexões políticas, filosóficas e teológicas até a Antiguidade Tardia, atuando inclusive na configuração retórica dos mais diversos gêneros literários.

Aos trabalhos pioneiros de Chaim Wirszubski e Piero Milani,¹ seguiram-se obras importantes como as de Peter Garnsey e Kurt Raaflaub, respectivamente sobre as ideias acerca da escravidão de Aristóteles a Santo Agostinho e sobre a ideia de liberdade na Grécia antiga.² Em seguida, surgiram também as contribuições de Mélima Tamiolaki sobre liberdade e escravidão nos historiadores gregos clássicos e de Isabelle Cogitore sobre a liberdade como ideia política em

¹ Chaim Wirszubski (1968) *Libertas as a Political Idea at Rome during the Late Republic and Early Principate*. Cambridge: Cambridge University Press; Piero A. Milani (1972) *La schiavitù nel pensiero politico: Dai Greci al Basso Medio Evo*. Milano: Giuffrè Editore.

² Kurt Raaflaub (2004) *The Discovery of Freedom in Ancient Greece*. 1st German edition 1985. Chicago: University of Chicago Press; Peter Garnsey (1996) *Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine*. Cambridge: Cambridge University Press.

Roma.³ Mesmo o sociólogo Orlando Patterson – mais conhecido por sua obra *Escravidão e morte social* – aventurou-se por essa seara com um livro sobre a liberdade na cultura ocidental, em cujo texto passa em revista as noções greco-romanas e cristãs desse conceito.⁴ Outras obras poderiam ser citadas, mas, como se vê, trata-se de um tema candente nos debates acadêmicos. Logo, é muito bem-vinda uma contribuição brasileira nesse âmbito.

O livro organizado por Gilson Charles do Santos, professor de Latim do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, reúne catorze textos apresentados originalmente no VII Seminário do Núcleo de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília em 2018. As contribuições – todas restritas à literatura grega, embora o título do livro aponte para um escopo maior – podem ser divididas em três grupos de acordo com sua maior ou menor aderência ao projeto da obra.

Um primeiro grupo diz respeito àquelas contribuições que tratam mais direta e explicitamente da temática da escravidão e da liberdade, atentando para o modo como esses conceitos são apresentados de acordo com o uso retórico e em contextos históricos específicos às fontes examinadas. Priscilla Gontijo Leite em “O uso retórico da liberdade em Demóstenes” analisa, de forma detida, treze discursos de Demóstenes para ali mapear o uso das ideias de escravidão e liberdade no que considera três eixos importantes: o emprego na descrição de uma dominação territorial e política, no tratamento dado aos cidadãos, e na descrição da democracia e oligarquia. Anastácio Borges de Araújo Junior em “Refutação e liberdade no diálogo *Górgias* de Platão: Atividade filosófica enquanto harmonia do humano” faz uma leitura do diálogo platônico com o intuito de apontar que a noção de liberdade está aí intimamente ligada à ideia de refutação no sentido de que este processo, tal como defendido por Sócrates, visa tornar o homem livre das falsas opiniões e desejos que impedem a busca da plena sabedoria e felicidade. Nesse caso, contesta-se a visão de que a persuasão objetiva dominar o outro a ponto de torná-lo como um escravo ao impor-lhe suas ideias e interesses. Marco Valério Classe Colonnelli examina em “As vozes indiretas:

³ Méliana Tamiolaki (2010) *Liberté et esclavage chez les historiens grecs classiques*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne; Isabelle Cogitore (2011) *Le doux nom de liberté: Histoire d'une idée politique dans la Rome antique*. Bordeaux: Ausonius/Paris: Diffusion de Bocard.

⁴ Orlando Patterson (1982) *Slavery and Social Death: A Comparative Study*. Massachusetts: Harvard University Press; Orlando Patterson (1991) *Freedom: Freedom in the Making of Western Culture*. Vol. 1. New York: Harper Collins.

Testemunhos de escravos sob ameaça ou tortura em Lísias” como, em dois discursos de Lísias, a ameaça à tortura de escravos – recurso usual para obtenção de provas em disputas judiciais em Atenas – apresenta-se na argumentação retórica do orador, mostrando que as menções a tal prática variavam de acordo com as estratégias de enfrentamento dos argumentos do oponente. Por fim, Agatha Pitombo Bacelar contribui com dois textos, a saber, “Dioniso Eleutereu na democracia ateniense do século V a.C.” e “Dioniso Eleutereu: O deus vindo de Eleutera”. Em ambos, servindo-se de uma vasta bibliografia – em diálogo inclusive com Raaflaub e seus estudos sobre as noções gregas de liberdade –, a autora faz um estudo detalhado e erudito do significado político da *epiclese* de Dioniso Eleutereu nas Grandes Dionisiacas na Atenas clássica, discutindo como uma ideologia cívica e noções de liberdade ali se faziam presentes, bem como analisa a sua vinculação à lenda de Pégaso de Eleutera.

Um segundo grupo reúne textos que remetem tangencialmente à noção de liberdade, mas sem um aprofundamento no exame do conceito ou que poderiam tê-lo explorado mais claramente a partir dos estudos de caso que realizam. Karolini Batzakas de Souza Matos em “A possibilidade de liberdade feminina na Atenas do século V a.C.” foca nas representações da esposa ideal (como na imagem da melissa por Xenofonte) em contraste com aquelas das bacantes, como transgressoras do lugar ideal atribuído à mulher em Atenas, e, portanto, exemplificando alternativas de liberdade feminina. Essa linha de interpretação também se encontra implicitamente nas contribuições de Isadora Costa Fernandes, “Análise e utilização do termo *hetaíra* como estratégia jurídica em *Contra Neera*”, e de Geruza de Souza Graebin, “Caricleia, uma demagoga no romance grego *As Etiópicas*”. Em ambos os casos, temos análises de figuras femininas que se mostram desviantes frente à imagem de um comportamento feminino ideal. Fernandes analisa a figura de Neera como apresentada por Apolodoro, que a caracteriza como *hetaíra*, dentre outros termos também mobilizados retoricamente, em contraste com o que se esperaria de uma esposa ateniense exemplar, para pintá-la como uma pessoa subversiva. Graebin se detém na personagem Caricleia das *Etiópicas* de Heliodoro, retratada como também tendo um comportamento desviante no sentido de que reúne atributos comumente associados a homens, como um *éthos* de oradora, com domínio das estratégias retóricas de persuasão para atingir seus objetivos.

Um terceiro grupo agrega os capítulos que não versam propriamente sobre a temática a que se propõe o livro. Lucas Guilherme Cabral Guimarães em “A deificação dos reis macedônios: Suas origens e reflexos no período helenístico” defende a ideia de que o culto a governantes atuava no sentido de harmonizar a relação entre cidades livres e os monarcas macedônios, facilitando a aceitação dos mesmos. Maria Aparecida de Oliveira Silva, com “Plutarco e a malícia de Heródoto”, apresenta os objetivos de Plutarco com seu tratado em que contesta o modo como Heródoto apresenta os gregos a seus leitores ao enfatizar ações reprováveis e indignas das personagens gregas. Pelo contrário, Plutarco defende uma superioridade cultural grega e, portanto, as ações dos gregos seriam dignas de louvor e emulação. As demais contribuições desse grupo apresentam reflexões sobre a prática da tradução da literatura grega à luz da necessidade de levar em conta seus contextos de performance. Temos aqui os capítulos de Bárbara Cândido Menezes, “A prática tradutória e a recepção aural da oratória ática: Uma análise de traduções de Demóstenes”; de Matheus Ely Cordeiro de Lima Vieira Pessoa, “Performance de prosa grega antiga: Exercícios e reflexões sobre a recepção da oratória ática” e “Um hino a Eros: Alguns aspectos performativos e musicais na *Antígona*, de Sófocles”; e de Marcus Mota, “Rapsodo em performance: Abertura da *Ilíada*”. Trata-se de um conjunto de textos que dialogam com uma bibliografia teórica comum na abordagem de diferentes fontes gregas, oferecendo a quem lê uma visão atualizada de como a recepção e performance dos textos clássicos vem sendo estudadas atualmente.

Uma conclusão que logo desponta ao final da leitura do livro, como se percebe pela diversidade dos capítulos acima mencionados, é de um certo descompasso entre o que o livro sugere em seu título e apresentação e o que é exposto nos capítulos, pois a maioria não contempla a proposta que é expressa pelo próprio organizador, qual seja, a de que o livro pretende “repensar/reelaborar/compreender os conceitos [de liberdade e escravidão] em sua historicidade” (p. 8). Poucos capítulos inserem-se nessa perspectiva e dialogam com uma bibliografia específica sobre o tema, embora isto não signifique que os demais não despertem interesse pelo tratamento cuidadoso e atualizado dos temas abordados. De todo modo, o volume organizado por Gilson Charles do Santos traz indicações de que as diferentes nuances das relações entre

Fábio Duarte Joly

liberdade e escravidão no mundo antigo tem potencial para serem exploradas por pesquisadores e pesquisadoras brasileiras.

Data de publicação: 05/07/2024